

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

HIGOR BRANCO GONÇALVES

**ENTRANDO NA TOCA DO COELHO: ALICE, O PAÍS DAS
MARAVILHAS E O MUNDO ATRAVÉS DO ESPELHO NA
EDUCAÇÃO**

São Paulo
2012

HIGOR BRANCO GONÇALVES

**ENTRANDO NA TOCA DO COELHO: ALICE, O PAÍS DAS
MARAVILHAS E O MUNDO ATRAVÉS DO ESPELHO NA
EDUCAÇÃO**

Trabalho de Graduação Interdisciplinar
apresentado ao Curso de Letras do Centro de
Comunicação e Letras do Instituto Presbiteriano
Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Gloria Karam Delbim

São Paulo
2012

HIGOR BRANCO GONÇALVES

ENTRANDO NA TOCA DO COELHO: ALICE, O PAÍS DAS
MARAVILHAS E O MUNDO ATRAVÉS DO ESPELHO NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Graduação Interdisciplinar
apresentado ao Curso de Letras do Centro de
Comunicação e Letras do Instituto Presbiteriano
Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Gloria Karam Delbim – Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Ms. Célia Guimarães Helene
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Vera Lucia Harabagi Hanna
Universidade Presbiteriana Mackenzie

A meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente a meus pais, Carlos Roberto Queija Gonçalves e Cleide Aparecida do Lago Branco Gonçalves, a meu avô, Virgílio de Abreu Branco, e a minha avó, Aldice Cantanhede do Lago Branco, por todo apoio, amor e estímulo. Se hoje estou onde estou e sou quem sou, é graças a eles.

À Bianca Rie Ota, meu amor, pela inspiração, motivação e companhia constantes.

A todos os meus amigos e colegas que me deram forças para seguir esta jornada até o fim, em especial à Flávia Viana Pontes.

Às professoras Gloria Karam Delbim, por ter aceitado orientar esta monografia e por toda a atenção dispensada; Lilian Cristina Correa, pelas sugestões, pelo incentivo e pela ajuda; Célia Guimarães Helene e Vera Lucia Harabagi Hanna, por aceitarem integrar a banca examinadora desta monografia.

“Os livros que têm resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade capaz de satisfazer a inquietação humana por mais que os séculos passem.”

Cecília Meireles

RESUMO

O presente estudo visa analisar literariamente alguns dos símbolos existentes nos livros *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871), escritos por Lewis Carroll (1832-1898), a fim de propor como se trabalhar as obras supracitadas com fins didáticos, focando especificamente na docência de aulas de Língua Portuguesa para alunos da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental.

Ao longo deste trabalho, será abordado como se deram o surgimento das atividades de escrita e de leitura e seu ensino em diferentes épocas; tratar-se-á o que os principais documentos brasileiros sobre educação defendem quanto ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas; serão expostas algumas informações sobre o contexto histórico da escritura das narrativas carrollianas; dados sobre a vida de Lewis Carroll e sobre sua psicologia estarão evidenciados; os dois livros em questão terão algumas de suas partes-chave analisadas a fim de que se possa ter uma ideia do quão plurissignificativos são e para que o docente aqui encontre uma espécie de miniguia de leitura das histórias; e, por fim, será apresentada a proposta didática, que objetiva a introdução dos alunos aos estudos literários de maneira que lhes sejam estimulados o gosto e o prazer pela leitura.

Palavras-chave: Educação, docência, *Alice no País das Maravilhas*, *Alice Através do Espelho*, Lewis Carroll, literatura, era vitoriana.

ABSTRACT

The present study aims at doing a literary analysis of some of the symbols that are present in the books *Alice in Wonderland* (1865) and *Alice Through the Looking-Glass* (1871), written by Lewis Carroll (1832-1898), in order to propose how to work the aforementioned books with didactic purposes, focusing specifically on the teaching of Portuguese Language classes to students of the 8th grade (9th year) of Fundamental Education.

Throughout this paper, we will describe how the activities of writing and reading were invented and how they were taught at different times of the history; we will also discuss what the most important Brazilian documents on education defend regarding the teaching of Portuguese Language at schools; some information about the historical context of the writing of the Carrollian narratives will be presented; data about Lewis Carroll's life and psychology will be evidenced; both of the books in question will have some of their key parts analyzed, so it is possible to have an idea of how multi-significant they are and for the teachers to find here a kind of miniguide for reading the stories; and eventually we will present the didactic proposal, whose objective is to introduce the students to the literary studies in a way that the taste for reading and the pleasure of reading are to be stimulated.

Keywords: Education, teaching, *Alice in Wonderland*, *Alice Through the Looking-Glass*, Lewis Carroll, literature, Victorian era.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O APRENDIZADO DA LEITURA E DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO.....	11
1.1 O APRENDIZADO DA LEITURA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	11
1.2 DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO.....	13
2 O ENIGMÁTICO LEWIS CARROLL, UMA MENININHA CHAMADA ALICE E O MORALISMO VITORIANO.....	18
2.1 COMO SURGIRAM AS AVENTURAS DE ALICE E QUEM FOI LEWIS CARROLL?.....	18
2.2 A EDUCAÇÃO VITORIANA E ALICE.....	21
3 ESTUDO DE ALGUNS SÍMBOLOS DOS LIVROS.....	23
3.1 AFINAL, POR QUE UM CORVO SE PARECE COM UMA ESCRIVANINHA? - ALICE E O OCULTISMO.....	23
3.2 UM GATO DE SORRISO LUNAR.....	24
3.3 O LEÃO, O UNICÓRNIO E O REI JAIME I, QUE ANTES ERA JAIME VI.....	27
3.4 HUMPTY DUMPTY, O SABE-TUDO PROSOPAGNÓSTICO.....	28
4 ALICE NO ENSINO.....	30
4.1 ALICE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO - QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS TRADUÇÕES?.....	30
4.2 PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O USO DOS LIVROS <i>ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS</i> E <i>ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO</i> EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A 8ª SÉRIE (9º ANO) DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	31
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Apesar de um dos objetivos de todo estudo que envolve o trabalho com uma obra de arte e sua análise aparentar ser esgotar todas as possibilidades de interpretação que os diferentes recursos nela empregados abrem margem, é importante salientar que aqui não se tem a pretensão de tentar dissecar por completo (nem nada do gênero) os livros *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871), escritos por Lewis Carroll (1832-1898). Acreditar em uma análise total não passa de ilusão, haja vista que as leituras de um texto, qualquer que ele seja, estão sempre se renovando de acordo com o leitor e com a época; assim, novas possibilidades de interpretação para obras literárias são trazidas constantemente à luz, engrandecendo-as. Este trabalho visa, simplesmente, explicitar a profundidade dos livros carrollianos supracitados, fornecer algumas leituras dentre muitas possíveis para alguns dos fatos narrados, levar ao leitor informações embasadas (já que há muita especulação infundada especialmente em torno da figura do autor), tratar sobre como é o ensino de Língua Portuguesa no Brasil e apresentar uma proposta pedagógica que aborda como se trabalhar as Alices em aulas introdutórias de literatura para educandos da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental II.

A presente monografia é estruturada da seguinte maneira: no primeiro capítulo será apresentada, brevemente, um pouco da história dos atos de escrita e de leitura e de como seu ensino se deu em diferentes épocas; em seguida, serão abordados os principais documentos que norteiam o sistema de ensino no Brasil e o que cada um deles propõe quanto ao ensino de Língua Portuguesa nas escolas. No segundo capítulo, apresentar-se-á um pouco da história do século XIX, data da escritura dos livros, além de dados biográficos sobre o autor, Lewis Carroll, a fim de contextualizar o leitor. No terceiro capítulo, constam estudos de alguns dos diversos símbolos populares presentes nas histórias, demonstrando assim o potencial literário dos livros. No quarto e último, encontram-se sugestões de como o docente pode utilizar as Alices como material paradidático, sugestões essas que focam em como introduzir os alunos concluintes do Ensino Fundamental aos estudos literários de forma prazerosa e agradável.

Os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho* foram escolhidos devido à sua riqueza literária, à sua profundidade, aos inúmeros e estimulantes enigmas que os envolvem dentro e fora do domínio do papel impresso e ao potencial didático que encerram. Ao contrário do que normalmente acontece, quando algumas histórias originalmente para adultos vão aos poucos se tornando literatura infantil (como nos casos de *Robinson Crusóé*, *A*

Volta ao Mundo em 80 Dias, 20.000 Léguas Submarinas etc.), as Alices, escritas pensando-se no público infantil, vêm gradualmente sendo tidas como literatura adulta. Tratam-se de histórias que se disseminaram por todo o mundo e estão no imaginário coletivo tanto dos ocidentais como dos orientais; não é por acaso que sejam possivelmente as obras infantis mais estudadas e analisadas, e isso não só por críticos literários.

1 O APRENDIZADO DA LEITURA E DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO

1.1 O APRENDIZADO DA LEITURA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

É intrínseca do ser humano a necessidade de se comunicar com seus iguais. Para tanto, ao longo do tempo temos criado diversos artifícios, sejam desenhos, combinações de sons ou sinais, que, ao se tornarem convenção social, nos possibilitam estabelecer relações das mais diversas com outras pessoas. Dentre tais artifícios gostaríamos de nos ater à escrita e à leitura, atividades indissociáveis, interdependentes e indispensáveis à educação.

Desde a Pré-História o homem busca exprimir suas necessidades, transmitir ideias, trocar mensagens e compartilhar desejos por meio de desenhos feitos nas paredes de cavernas (pinturas rupestres); contudo, por tratarem-se de representações sem organização ou padronização, esses desenhos ainda não são considerados um tipo de escrita.

Foi na Mesopotâmia, por volta do ano 4000 a.C., que a escrita (e conseqüentemente a leitura) foi inventada pelos sumérios, gerando assim a criação da profissão de escriba. Os escribas, parte da minoria alfabetizada da população, eram os responsáveis por registrar em placas de argilas transações comerciais, regras ou apenas lembretes para a memória dos grandes soberanos. A forma rudimentar de escrita empregada à época era composta de sinais que representavam os sons e chama-se cuneiforme, uma vez que era feita com a ajuda de uma cunha. A escrita, a partir de então, passa por evoluções significativas e, apesar de durante muito tempo ser privilégio de uma minoria, representa um avanço inestimável para a humanidade. Nas palavras do escritor argentino Alberto Manguel:

Desde os primeiros vestígios da civilização pré-histórica, a sociedade humana tinha tentado superar os obstáculos da geografia, o caráter final da morte, a erosão do esquecimento. Com um único ato – a incisão de uma figura sobre uma tabuleta de argila –, o primeiro escritor anônimo conseguiu de repente ter sucesso em todas essas façanhas aparentemente impossíveis. (1999, p. 207)

Tendo sido abordado brevemente o surgimento da escrita, passemos agora para o ponto que realmente nos interessa: o seu ensino. Durante a Idade Média, o ensino das letras era exclusividade da aristocracia e, nos séculos subsequentes, da burguesia. Os membros do clero também tinham acesso à educação, uma vez que era por meio deles que os ensinamentos contidos nos livros sagrados eram recuperados e passados às outras pessoas. A educação era

destinada somente aos meninos, e quem dela se encarregava eram as mães ou as amas. As meninas só recebiam educação em duas situações: quando os meninos já estavam alfabetizados ou para se tornarem freiras.

Foi só nos séculos XII e XIII, com o ressurgimento das cidades, que se fortaleceu um sistema de ensino em que a figura do professor era predominante e importante para a escola, dando prestígio à instituição. O mote da escola era formar os homens que fariam o futuro. Dessa forma, os professores deveriam ensinar a seus alunos a moral, os costumes e as virtudes cristãs, e não apenas a ler.

Uma revolução no ensino acontece com a escola Humanista do século XV, originando a leitura individual, privada. Tendo Louis Dringenberg como grande pensador, agora aprendia-se a ler não mais com palavras soltas, mas sim com textos. Os alunos deveriam primeiramente fazer uma análise gramatical das formações sintáticas (*Lectio*), depois passavam para um estudo do sentido literal do texto (*Littera*) e seguiam para a sua interpretação (*sensus*); ao final, chegava-se às opiniões dos alunos (*sententia*). Com essa metodologia, os discentes passam a ter autonomia na leitura: procuram leituras fora das obrigatórias, tornando-se ativos na busca pelo conhecimento. Atualmente podemos ver essas atividades nascidas no século XV sendo sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (dos quais trataremos melhor mais adiante), como é o caso da leitura autônoma, que torna o aluno apto a interpretar textos sem a ajuda do professor ou dos colegas de classe, fazendo assim com que o discente desenvolva interesse por ler e busque leituras pessoais e independentes das trabalhadas em ambiente escolar.

É no século XVIII, com a ascensão da burguesia e conseqüente transformação do livro em objeto de consumo (os autores tinham que vender bem para subsistir), que a leitura passa a existir como ação coletiva e social e o leitor, como materialidade histórica. É importante ressaltar que essa evolução da atividade só ocorreu graças a uma conjunção de vários fatores, explicitados abaixo.

A invenção da imprensa por Gutenberg possibilitou a impressão de livros em larga escala e a um custo menor. A publicação de obras literárias e teóricas tornou-se assim uma atividade capitalista, voltada para o lucro. Também, com a Era das Revoluções, principalmente com a Revolução Francesa, novas ideias foram incorporadas pela sociedade em decorrência da tomada de poder burguesa; dessa maneira a escola tornou-se obrigatória, formando uma população mais letrada que consumirá a grande quantidade de obras impressas, bem como a família adquiriu novos traços, passando a localizar-se em espaço privado, onde a vida doméstica e a atividade de leitura serão valorizadas, e tornando-se uma instituição

particular não mais composta por grandes grupos familiares unidos por casamentos de conveniência.

A leitura passa então a ser encarada como uma habilidade imprescindível para a formação moral das pessoas, além de também ser uma forma de entretenimento. Assim, com esse pensamento e com o crescimento da atividade, surgem novas mídias, como os folhetins, acessíveis às pessoas por meio dos jornais, fortalecendo os romances. A literatura alcança até o público infantil e a zona rural, levando cultura também às pessoas do campo.

Nos dias de hoje, com a internet ocupando lugar de destaque na vida das pessoas e o surgimento de mídias como os *eBooks*, *eReaders* e *audiobooks*, novas formas de ler vêm se fazendo presentes diariamente e, o que é mais interessante, em sua maioria não estão mais associadas ao papel impresso como antigamente. De acordo com a editora e professora Marisa Lajolo:

O computador afeta profundamente o mundo literário. Em primeiro lugar, ele favorece formas alternativas, mais baratas e mais práticas de distribuição de textos. [...] também favorece os livros eletrônicos, que já são ótimos, mas não são tudo. O uso do computador tanto na produção quanto na leitura de textos permite ainda que percebamos, muito rapidamente, duas características marcantes da literatura contemporânea: a metalinguagem e a intertextualidade. (2007, p.116-117)

Toda essa diversidade forma novos tipos de leitores, e é para isso que os professores devem se preparar e adaptar a fim de adotarem uma postura didática que condiga com os novos perfis de aluno da atualidade.

1.2 DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO

Os principais objetivos do ensino de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), são: da 1ª à 4ª série (ou na nova nomenclatura, do 2º ao 5º ano), formar alunos que saibam ler e escrever; e mais tarde, ao longo do ciclo II do Ensino Fundamental, fazer uso das competências supracitadas a fim de preparar os discentes para o emprego do registro de linguagem adequado em situações comunicacionais diversas, além de dar-lhes os conhecimentos necessários para que sejam capazes de interpretar os diferentes gêneros textuais que circulam socialmente. Em suma, o Ensino Fundamental volta-se basicamente à formação de novos leitores, isso é, de pessoas que não só saibam ler como também tenham gosto por ler, bem como à preparação para o uso eficaz da escrita e da fala.

Contudo, a realidade das escolas brasileiras mostra-se muito diferente da ideal, e assim há, por exemplo, diversos casos de alunos que são aprovados para a 5ª série (6º ano) sem saber ler e escrever. A principal causa para essa deficiência deve-se ao tipo de educação descontextualizada a eles dispensada em grande parte das escolas do país. Para que a metodologia seja efetiva, é forçoso contextualizar letras, sílabas, palavras e frases, considerando-se o texto a unidade básica de ensino mesmo quando da aprendizagem de suas unidades componentes.

O ensino de uma língua deve se basear na leitura, interpretação e produção de textos orais e escritos. De acordo com a professora Elisa Guimarães,

É pacífico o princípio já sobejamente consabido que considera a impossibilidade de uma noção plena de texto se não se aceita enquadrá-lo numa perspectiva contextual. Não se pode descrever uma mensagem sem levar em conta o contexto em que se insere e os efeitos que se pretende obter. (...) Todo texto está, pois, ligado ao contexto, seu sentido organizando-se não só no jogo interno de dependências estruturais, mas ainda nas relações com aquilo que está fora dele. (2009, p.77)

Língua é ideologia, logo todo texto, que está ambientado em uma determinada situação e contém as crenças de quem o escreveu ou proferiu, porta também uma ideologia, sendo, portanto, um discurso. Esses textos, produtos de situações discursivas, pertencem sempre a um determinado gênero, e cabe à escola dar condições de os alunos se tornarem capazes de utilizar a linguagem eficientemente em diferentes situações comunicacionais, ou em outras palavras, de capacitar esses alunos a empregarem o gênero textual adequado em cada situação específica.

Com esse fim, é dever da escola colocar os discentes em contato com textos de gêneros diversos, e não só com textos preparados especificamente para propósitos didáticos, pois o saber produzir textos só se dá a partir do contato com textos verdadeiros, que tenham sentido na realidade do aluno. A produção de linguagem oral ou escrita será aperfeiçoada por meio do aprimoramento da leitura do aluno, que por sua vez será desenvolvida com o contato desse com um número de gêneros textuais diversificados.

A aquisição da leitura possibilita ao discente o desenvolvimento das habilidades de escrita e de fala, o que por sua vez o prepara tanto para um melhor exercício da cidadania como também, reiterando o que já foi anteriormente exposto, para que ele saiba empregar os registros de linguagem adequadamente de acordo com cada situação comunicacional.

Para melhorar o nível da educação no país, foram criados documentos cujo intuito é servir de apoio pedagógico ou de orientação do que pode e deve ser feito pela escola. Entre

esses documentos, os principais são as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998.

A LDB é um conjunto de leis que rege a educação brasileira. Instituída em 20 de dezembro de 1996, tem como prioridade disciplinar as escolas brasileiras nos âmbitos municipal, estadual e federal, estabelecendo o dever do poder público para com a educação e organizando o currículo nacional em uma base comum e uma parte diversificada, cuja elaboração compete aos estados e municípios de acordo com as necessidades da população local. A LDB institui a obrigatoriedade da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (o Ensino Médio não é obrigatório) e colabora para unificar a educação nacional, possibilitando a todos os estudantes da Educação Básica “a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e (...) meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (LDB, 1999, p.63, art.22)

Os PCNs, por sua vez, são referências curriculares flexíveis e adaptáveis às diferentes realidades regionais do país. Elaborados após encontros e debates sobre a educação com a ajuda de docentes de escolas públicas e privadas de todo o território nacional, de técnicos das Secretarias de Educação e de membros dos Conselhos Estaduais da Educação, são mais um conjunto de sugestões para a melhoria da educação do que regras a serem seguidas à risca.

Ambos os documentos levam a leitura como uma capacidade primordial a ser adquirida pelo aluno ao longo da Educação Básica, pois “A capacidade de decifrar o escrito é não só condição para a leitura independente como – verdadeiro rito de passagem – um saber de grande valor social.” (PCN, 2000, p.34) Entretanto, abordam o assunto de modo muito díspar.

Apesar de ser um dos critérios para a formação de um cidadão, a LDB apresenta somente um artigo sobre leitura, o de número 32:

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:
I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. (1999, p.65)

Assim, ao término do Ensino Fundamental o aluno tem de saber ler e escrever.

Por outro lado, os PCNs dão grande espaço para a leitura, juntamente com a escrita, nos anos iniciais da formação escolar do discente, defendendo que “é necessário que se compreenda que a leitura e a escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento.” (2000, p.52) Sendo atividades que

caminham juntas, sua aprendizagem deve se dar igualmente em conjunto. Também, os PCNs defendem o uso em sala de aula de tipos variados de textos que circulem socialmente. É então papel dos corpos docente e administrativo das instituições incluir na educação desde programas de televisão a *best-sellers*, isso porque entendem a necessidade de aquilo que é estudado fazer sentido para a vida do aluno a fim de ser apreendido efetivamente. Assim, somente o trabalho com a diversidade de textos, suas modalidades, suas diferentes formas de leitura e seus objetivos pode proporcionar ao discente um conhecimento amplo que vai além da resolução de problemas escolares ou da compreensão de textos elaborados especificamente para a alfabetização, os quais são considerados simples e pobres no que diz respeito à interpretação e produção de um discurso e muito menos serão o tipo de texto com os quais os alunos deparar-se-ão fora dos muros escolares. Dessa maneira, o ensino deve possibilitar que o educando tenha acesso a textos de qualidade, e não a textos simplificados cuja finalidade é serem acessíveis.

Para os PCNs, o professor deve ser o modelo do aluno, haja vista que um docente que demonstre gosto pela leitura inspirará os discentes a desenvolverem o desejo por ler. O grande objetivo da educação é a formação de leitores, isso é, de pessoas que não só interpretarão e compreenderão o que é lido, mas que, assumindo um papel ativo, saibam selecionar leituras de acordo com suas necessidades. É preciso colocar os alunos diante do ato de leitura de fato, bem como defrontá-los com os já leitores, para que por meio de modelos apreendam as melhores formas de se ler cada texto, se por inteiro ou por partes, se uma vez ou várias vezes até que a compreensão seja atingida, se rapidamente, para que se sintam envolvidos, ou lentamente com o auxílio de um dicionário.

É de fundamental importância que os alunos efetivamente criem gosto por ler e que nessa atividade encontrem prazer, o que só ocorre se a leitura tornar-se um desafio e apresentar-se interessante. Segundo os próprios PCNs, “uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (ibidem, p.58)

Tudo o que foi dito até aqui, se colocado em prática, facilitará a formação do aluno-leitor. Entretanto, se não houver o apoio de livros e materiais adequados, determinantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura e da assiduidade em ler, os alunos sentir-se-ão desmotivados. A Escola, dessa forma, deve se servir de uma biblioteca munida de diferentes matérias de leitura além de livros, praticar um projeto de leitura que envolva todos os alunos, organizar momentos periódicos de leitura e propiciar aos alunos momentos de leitura individual. É importante que haja a possibilidade de se emprestar livros aos discentes, facilitando assim o acesso à cultura. Atividades sequenciadas ou permanentes de leitura

também são interessantes, pois proporcionam maior contato entre os educandos, que poderão trocar experiências sobre livros lidos entre si, incentivando aqueles que ainda não adquiriram o hábito da leitura.

São iniciativas nesse sentido que poderão tornar o Brasil um país de leitores. O ato de ler é essencial para o desenvolvimento cognitivo das pessoas, e é com uma população letrada que o país poderá crescer ainda mais e se destacar no competitivo mundo globalizado.

2 O ENIGMÁTICO LEWIS CARROLL, UMA MENININHA CHAMADA ALICE E O MORALISMO VITORIANO

A partir de agora, abordaremos os livros *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho* com os intuitos de explicitar sua alta qualidade literária e de fornecer informações importantes ao docente para, no último capítulo, tratar de como eles podem ser trabalhados em sala de aula. Começaremos por abordar como foram criados, como se inserem no contexto histórico em que foram escritos e, no capítulo 3, como alguns de seus símbolos podem ser interpretados.

2.1 COMO SURGIRAM AS AVENTURAS DE ALICE E QUEM FOI LEWIS CARROLL?

Os livros *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871) são desde o século XIX, quando foram escritos, não apenas clássicos da literatura inglesa, mas clássicos da literatura universal. Há gerações eles encantam crianças, jovens e adultos, e assim Alice sai do simples domínio do papel impresso para povoar o imaginário de todos que passam a conhecer suas aventuras, tornando-se a personagem um arquétipo do feminismo e da pureza, da sagacidade, da curiosidade e do espírito aventureiro infantil. Isso acontece de uma forma tal que atualmente grande número de releituras (muito variadas entre si) da personagem e das situações narradas nos livros aparecem em qualquer parte do mundo sob a forma de ilustrações, filmes, jogos, músicas, animações ou mesmo inseridas em outros livros, não necessariamente literários.

Todo esse sucesso decorre da originalidade e da destreza com que o autor, Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), consegue criar histórias polissêmicas e de conseqüente valor literário. *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho* são independentes entre si, porém podem ser vistas como complementares por compartilharem muitos elementos e terem mais ou menos a mesma essência.

Convém salientar que a personagem Alice foi inspirada em uma menina real, chamada Alice Pleasance Liddell¹. Diferentemente do que as pessoas influenciadas pela

¹ É interessante atentar na simetria existente entre os nomes “Alice Liddell” e “Lewis Carroll”. O número de letras é o mesmo e a relação consoante-vogal também chama a atenção: no primeiro nome, onde em um há consoante, no outro há vogal; e no sobrenome, a posição das consoantes e das vogais é a mesma.

famosa animação de Walt Disney² e pelas ilustrações de Tenniel possam imaginar, a Alice de carne e osso, filha do deão do Christ Church, tinha cabelo escuro. Foi para ela que Carroll criou o *Alice no País das Maravilhas*. É interessante ressaltar que ainda que Dodgson gostasse muito da menina e tenha tentado homenageá-la, o próprio nome “Alice” nas histórias não deve ser interpretado como um mero acaso: derivado do grego “Alétheia” (“ἀλήθεια”), ele significa “Verdade”, reforçando a interpretação mais ampla dos livros carrollianos para além dos fatos narrados e abrindo todo um escopo de possibilidade de entendimento dos diversos enigmas que abundam nas duas obras.

A ideia para o primeiro livro, aliás, surgiu durante um passeio de barco a 4 de julho de 1862, em que Alice e suas irmãs pediram para Dodgson, um amigo da família, lhes contar uma história. Ele então inventou um embrião oral da narrativa, o qual por sua vez transformou-se no *Alice's Adventures under Ground*, um livro redigido à mão (e já com ilustrações, feitas pelo próprio Dodgson) que o autor deu à menina como presente de Natal. Algum tempo depois o escritor decide publicar a história, modifica consideravelmente o texto e entra em contato com um ilustrador profissional famoso da época, chamado John Tenniel, para fazer as ilustrações. Essa publicação é o *Alice no País das Maravilhas* tal como o conhecemos, e a primeira edição foi bancada pelo próprio Dodgson. Ele sempre se preocupou com qualidade, por isso cuidava para que o acabamento das edições fosse o melhor possível. O sucesso foi enorme já no lançamento, sendo o livro mais vendido, e de lá para cá nunca mais deixou de ser reeditado.

Dodgson é uma figura bastante enigmática. Da mesma forma como assinava seus trabalhos literários com um pseudônimo, há críticas que defendem que sua própria personalidade também era dupla: de um lado haveria o lado fortemente racional do Dodgson real, um matemático, professor, religioso, homem apegado à normalidade da época e autor de livros sobre lógica e matemática; e em oposição, haveria um lado sonhador, o lado Carroll, aquele do mundo interior que se abre ao fantástico e que se manifestava nos trabalhos literários.

Também, até hoje se discute se ele era ou não pedófilo, já que só gostava de ficar na companhia de meninas e não se sentia muito confortável com garotos ou adultos. Eram muitas as suas amiguinhas, e ele gostava de lhes escrever cartas peculiares, com desenhos ao invés de palavras. Várias dessas cartas foram preservadas até hoje, com exceção daquelas escritas para Alice, as quais desapareceram todas. Se essa atração por garotas era de cunho

² Essa versão de Walt Disney é na verdade uma mistura das histórias dos dois livros, apesar de levar o título “Alice no País das Maravilhas”.

sexual ou não só temos como especular, pois não há fatos concretos que provem o que quer que seja. Ainda quanto a essa polêmica, é curioso notar que Dodgson mantinha um diário, mas as páginas que podiam ter alguma informação sobre sua relação com as meninas, bem como as páginas que em teoria continham o motivo de os laços com a família da Alice terem sido cortados, foram misteriosamente arrancadas após sua morte, talvez por algum membro de sua família. E isso levanta algumas suspeitas, pois o que é que poderia haver ali para que fossem arrancadas? Será que era algo comprometedor? Que fim teriam levado as cartas escritas para Alice e o que haveria nelas?

Dodgson tinha afeição pela lógica, por escrever e por meninas, e tinha como *hobby* a fotografia (à época uma novidade). Gostava de fotografar suas amiguinhas, fazendo por vezes até nus, mas tudo sempre com o consentimento das famílias e das próprias meninas. Esses nus, vale frisar, não têm nada de erótico, são apenas ensaios artísticos. E aí destaca-se outro traço importante da personalidade de Carroll: ele sempre foi muito nostálgico e inclusive escreveu poemas dizendo que gostaria de voltar a ser criança e que trocaria tudo por ser jovem de novo. E o que é que há de mais nostálgico do que a própria arte da fotografia? Fotografar nada mais é do que “congelar” alguma coisa em um determinado espaço e tempo. Dessa maneira, Carroll poderia ter as amiguinhas para sempre imutáveis. Já que é impossível não crescer, ao menos a juventude e a inocência delas estariam para sempre preservadas nos retratos, reificadas, uma réplica vulgar da essência. Meninas presas, porém ausentes.

Outra peculiaridade interessante é que Carroll tinha uma coleção de bonecas, que alguns dizem servir para “atrair” as meninas. Mas se isso for analisado com mais calma, pode-se perceber que, psicologicamente falando, talvez o que aconteça nesse caso seja o mesmo que acontece no da fotografia, isto é, uma maneira consciente ou não que o autor encontrou de amenizar a nostalgia que havia dentro de si. Basta parar para pensar na semelhança entre bonecas e a imagem feminina (analogia que aliás é feita desde a antiguidade). Dodgson talvez tivesse o sonho de possuir uma menininha que nunca envelhecesse. A dedicação em escrever histórias *nonsense* para crianças, aliás, talvez tivesse como fim estabelecer um contato com o mundo infantil, que ele tanto admirava.

Com o tempo, a nostalgia de Carroll cresce e isso se reflete nas suas obras literárias. Por exemplo, ao compararmos o *Alice no País das Maravilhas* com o *Alice Através do Espelho*, notaremos que no segundo, escrito seis anos mais tarde, Alice sofre um tipo de crueldade sutil que diverge do tom do primeiro livro e que a personagem também passa por acontecimentos melancólicos impensáveis no contexto de sua primeira aventura, como, por exemplo, no capítulo cinco:

Assim deixou-se o barco seguir pelo ribeirão ao seu bel-prazer, até que deslizou suavemente para o meio dos juncos oscilantes. Então as manguinhas foram cuidadosamente arregaçadas, e os bracinhos mergulhados até os cotovelos para pegar os juncos bem mais abaixo antes de quebrá-los... e por algum tempo a Ovelha e seu tricô sumiram da cabeça de Alice, enquanto ela se debruçava sobre a borda do barco, só as pontas dos cabelos emaranhados mergulhando na água... e, com olhos faiscantes e sôfregos, apanhava feixe após feixe dos encantadores juncos perfumados.

“Espero que o barco não vire!” disse para si mesma. “Oh, *que* lindo é aquele. Só que não consegui alcançá-lo.” E certamente *parecia* um pouco enervante (“quase como se fosse de propósito”, ela pensou) que, embora conseguisse colher quantidades de lindos juncos à medida que o bote deslizava, houvesse sempre um mais lindo que não podia alcançar.

“Os mais bonitos estão sempre mais longe!” disse por fim, com um suspiro ante a teimosia dos juncos em crescerem tão afastados, enquanto, faces afogueadas e cabelo e mãos pingando, tentava voltar a seu lugar e começava a arrumar seus recém-descobertos tesouros.

Que lhe importava naquele momento que os juncos tivessem começado a murchar e a perder seu perfume e beleza, desde o momento em que os colhera? Até juncos perfumados reais, como você sabe, duram só por pouco tempo... e esses, sendo juncos de sonho, derretiam quase como neve enquanto repousavam em feixes aos pés dela... mas Alice mal percebeu isso, tantas outras coisas curiosas tinha para pensar. (CARROLL, 2002, p.58)

Seriam os juncos uma metáfora para a efemeridade da beleza das crianças de que Carroll gostava, ou mais além, para a fugacidade de todo tipo de beleza?

A vida de Dodgson sempre foi envolta em muito mistério. Foram vários os biógrafos e comentadores de suas obras que se propuseram a tentar desvendar os inúmeros enigmas e lacunas que envolvem criador e obras. De uma forma ou de outra, é disso que é feita a boa literatura: de releituras sempre novas e atualizadas e de, por vezes, dados biográficos que instigam a curiosidade das mentes curiosas.

2.2 A EDUCAÇÃO VITORIANA E ALICE³

Durante o século XIX, os contos de fadas foram fortemente criticados por não ensinarem nada específico e por não conterem valores cristãos, sendo malvista a própria presença do elemento fantástico nas histórias. Acreditava-se que os livros infantis deveriam ter conteúdo educacional, e assim, em 1840, os contos clássicos passam a ser reformulados e refinados de acordo com a nova postura moralizante. Nas décadas de 1840 e 1850, além da

³ Esta seção é baseada em grande parte nos artigos *Fairy Tales with a Purpose* e *Fairy Tales for Pleasure*, de Gillian Avery, integrantes do livro *Alice in Wonderland - A Norton Critical Edition* (CARROLL, Lewis. Edição de Donald J. Gray. 2. ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 1989.)

reescrita, muitos contos de fadas novos são criados, entretanto tratam-se de histórias fracas e sem originalidade.

E é nesse contexto que, em 1865, o livro *Alice no País das Maravilhas* é lançado, seguido seis anos depois pelo *Alice Através do Espelho*. Contudo, diferentemente das outras várias histórias infantis escritas à época, a devoção, o moralismo e o cunho didático não se fazem presentes nas obras de Carroll. Ainda assim, as Alices foram muito bem recebidas pela crítica e pelo público, sobreviveram ao tempo e suas aventuras são hoje das mais traduzidas e lidas no mundo. Por quê?

Para alguns, especialmente para as crianças, o que encanta nas aventuras de Alice é o fantástico (as mudanças de tamanho, os animais que falam, os acontecimentos imprevisíveis...), e para outros, é a lógica usada por Carroll para desenvolver as idéias, incluindo aí a habilidade do autor na escolha das palavras para criar, dentre outros, piadas, ironias e sensações diversas. Mas talvez o que mais faz com que os leitores se identifiquem é a forma como o *nonsense* é colocado em oposição à rotina diária e enfadonha da escola.

Seja no País das Maravilhas ou no mundo do outro lado do espelho, Alice é constantemente lembrada de coisas que aprendeu, mas sempre de maneira distorcida, o que faz com que tais coisas fiquem sem sentido. Por exemplo, os versos moralizantes que as crianças tinham que decorar nas escolas são ironizados na forma de paródias; fatos históricos sobre os anglo-saxões são repetidos pelo Rato como as coisas mais “secas” que ele conhece; a personagem Duquesa, que tem o hábito de encontrar uma moral irrelevante e absurda em tudo, é um escárnio contra se querer moralizar todas as histórias infantis; as matérias que a Tartaruga Falsa diz ter estudado na escola são uma crítica clara ao sistema de ensino; o final do *Através do Espelho*, em que Alice sacode a Rainha Vermelha, a essência concentrada de toda governanta (ela gosta de dar a todo momento instruções rápidas de etiqueta), também é bastante sugestivo; dentre outras muitas passagens satíricas.

Assim, pode-se ver como os dois livros de Alice vêm numa direção contrária às tendências moralizantes da época. Tratando tudo com bom humor e *nonsense*, Carroll reduz as dificuldades do dia-a-dia infantil de algo assustador para uma realidade tolerável. Ainda que Alice seja questionada e maltratada por outros personagens, o controle final é dela, e com isso o leitor se identifica e percebe que não é apenas um sujeito passivo dentro do mundo em que vive.

3 ESTUDO DE ALGUNS SÍMBOLOS DOS LIVROS

3.1 AFINAL, POR QUE UM CORVO SE PARECE COM UMA ESCRIVANINHA? - ALICE E O OCULTISMO

Logo em uma de suas primeiras falas, o Chapeleiro lança aleatoriamente este enigma, que até hoje é motivo de mistério e objeto de teorias diversas: “Why is a raven like a writing-desk?” [“*Por que um corvo se parece com uma escrivaninha?*”] O próprio Carroll escreveu no prefácio da edição de 1896 que originalmente essa charada não tinha resposta, mas que após ser frequentemente questionado se seria possível imaginar alguma solução, pensara em algo apropriado: “Because it can produce a few notes, tho they are *very flat*; and it is never put with the wrong end in front.” [“*Porque pode produzir algumas notas, embora sejam muito chatas; e nunca é posto de trás para frente!*” (CARROLL, 2002, p.69)] Há duas brincadeiras na resposta em inglês que infelizmente se perdem com a tradução. A primeira está em o autor ter usado o adjetivo “flat” para caracterizar “notes”, criando assim uma ambiguidade: “flat notes” em português pode ser tanto “notas chatas” como também “notas desafinadas” (ou mesmo “notas bemóis”), aludindo ao crocitar dos corvos; a segunda está entre as palavras “never” (“nunca”) e, como Carroll escolheu grafar, “nevar”, “raven” (“corvo”) de trás para frente.

Ao afirmar que em um primeiro momento a adivinhação não tinha resposta alguma, Carroll implicitamente quer dizer que o intuito era justamente criar uma pergunta *nonsense* (sem sentido), algo que propositadamente não tivesse solução. Dessa forma, e também devido à repentividade com que o Chapeleiro faz a pergunta e ao contexto da enunciação, uma das interpretações possíveis para o enigma é a de que ele ilustra como o mundo adulto pode parecer confuso e incoerente para uma criança, além de obviamente estar lá para ajudar na constituição do clima de loucura do livro. O comentário de Alice um pouco adiante de que o tempo poderia ser usado de uma forma melhor do que sendo gasto com adivinhações que não têm resposta pode então ser lido como uma crítica mais abrangente aos adultos.

Mas como diz Fernando Pessoa, um dos maiores poetas lusófonos, “O poeta é um fingidor”, e por isso não se pode acreditar cegamente no que dizem os autores literários. Bom escritor de literatura não faz nada gratuitamente, e na certa um esteta do nível de Carroll não associaria a imagem do corvo à da escrivaninha sem ter nenhuma intenção por trás dessa aproximação.

Conforme bem lembrado por Miguel Conner (2010), estudioso norte-americano do gnosticismo, em um *post* para o blogue *Aeon Byte Gnostic Radio*, Carroll acreditava na percepção extra-sensorial (PES), na psicocinese e era adepto do ocultismo, chegando inclusive a inserir esses elementos nas Alices. Por exemplo, em *Alice no País das Maravilhas* a Lagarta lê a mente de Alice, e no primeiro capítulo de *Através do Espelho*, Alice, invisível aos olhos dos habitantes da casa do espelho, escreve no bloco de notas do pequenino Rei Branco controlando o lápis que ele então segurava. Esse segundo episódio remete à escrita automática, que vem a ser o uso da mão de um médium por parte de um espírito para escrever mensagens. Ainda segundo Conner, os corvos são tidos como mensageiros dos mortos, e a escrita automática, que acontece em uma mesa, também é uma forma de comunicação com o além; logo, aí estaria a ligação entre um corvo e uma escrivainha. Vendo as coisas por essa perspectiva, temos uma resposta muito interessante (dentre várias outras possíveis) para o enigma do Chapeleiro.

3.2 UM GATO DE SORRISO LUNAR

Alice encontra ao longo de sua jornada pelo País das Maravilhas uma série de animais antropomórficos, os quais assumem um comportamento ambivalente: como salienta William Empson (2002, p.597), famoso poeta e crítico literário inglês, quando a garota está pequena esses seres se mostram amistosos, ainda que infantilmente francos, e quando Alice está grande (sugerindo adulta) eles são sempre contrários a ela e/ou contestados por ela. O modo como tais animais pensam e agem e o tom professoral em que conversam e dão ordens visam esconder a sua infantilidade intrínseca, criando no leitor uma falsa impressão de que eles são os adultos enquanto Alice é a criança ingênua.

Contudo, entre esses animais há um que assume um etos diferenciado e proeminente, e será o único personagem com quem Alice criará um vínculo mais profundo, a saber, o Gato de Cheshire⁴. Apesar de ter “garras *muito* longas e um número enorme de dentes” (CARROLL, 2002, p.62), Alice sente-se bastante à vontade na presença do Gato, chegando inclusive a chamá-lo de amigo⁵:

“Com quem *está* falando?” indagou o Rei, aproximando-se de Alice e olhando para a cabeça do Gato com muita curiosidade.

⁴ Em português também conhecido como Gato que Ri, Gato Risonho ou Gato Listrado.

⁵ É curioso notar que em *Alice Através do Espelho* quem fará as vezes de amigo da Alice será o Cavaleiro Branco, personagem que, dentre outras possibilidades, pode ser lido como uma representação do próprio Carroll.

“É um amigo meu... um Gato de Cheshire”, disse Alice. “Permita-me que lhe apresente.” (ibidem, p.84)

Mas por que é justamente com ele que Alice mais se identifica? E por que ele é tão ponderado? Por que ele aparece e desaparece? Por que Cheshire? Por que ele está sempre rindo? Por que o sorriso dele é tão sugestivo? Por quê?

O País das Maravilhas é um sonho, o que fica claro no último capítulo. É possível então entender cada um dos personagens *nonsense* como manifestações inconscientes tanto de características da personalidade de Alice como de elementos com que ela convive na sociedade vitoriana e que influenciam seu Eu. Assim, o Gato de Cheshire poderia muito bem ser uma representação onírica da gata Dinah, o que já explica em partes a aproximação dos dois. Também, o Gato parece ser a única figura além da própria Alice a englobar os outros personagens, sendo uma espécie de *alter ego* mais sábio da protagonista; mais sábio justamente por ele ser ciente de sua própria loucura, peculiaridade importante que o diferencia de todos na história. E ao dizer a Alice que ela está no País das Maravilhas por ser louca, o Gato talvez esteja respondendo também à pergunta “Quem sou eu?”⁶, central na obra, ainda que a garota não possa aceitar ser insana e permaneça num silêncio sugestivo quanto a isso.

O Gato parece partilhar do mesmo tipo de inteligência e do mesmo espírito independente que Alice, além de estar em perfeito equilíbrio com as fúrias interior (inerente a ele) e exterior (imposta pelo meio). Tanto gato como criança podem alhear-se do mundo e encontrar abrigo em um microcosmo interno e particular, o que é simbolizado de um lado pela habilidade de aparecer e desaparecer e do outro lado pelo próprio País das Maravilhas, que nada mais é do que a psique de Alice. Empson analisa o tópico da seguinte maneira:

O célebre gato é um símbolo imediato desse ideal de distanciamento intelectual; todos os gatos são distanciados, e desde que este sorri, é um observador divertido. Pode desaparecer, porque pode alhear-se do seu meio e refugiar-se num mundo interior mais interessante; aparece somente como cabeça, porque é quase uma inteligência desencarnada, e apenas como um sorriso, porque é capaz de impor uma atmosfera sem estar presente. (...) é indecapitável, porque sua alma não pode ser assassinada (...) (2002, p.603)

Ademais, conforme aponta Martin Gardner (CARROLL, 2002, p.58), matemático estadunidense e importante comentarista das Alices, a expressão idiomática inglesa “sorrir como um gato de Cheshire” [“*grin like a Cheshire cat*”], usada para designar alguém que

⁶ À guisa de comparação, *Alice Através do Espelho* gira menos em torno dessa questão da identidade, tendo como motivo central a pergunta “De quem é o sonho?”

mostra os dentes e a gengiva quando ri, era corrente no tempo de Carroll. Segundo o comentarista, há duas principais hipóteses sobre sua origem: uma delas diz respeito ao fato de os queijos de Cheshire (o condado onde Carroll nasceu) serem moldados, à época, na forma de gatos sorrindo, criando assim uma fantasia de que o gato de queijo poderia comer o rato que iria comer o queijo; a outra hipótese advém da pintura malfeita das tabuletas de hospedarias de Cheshire, em que os leões rugindo mais pareciam gatos sorridentes (o leão é o animal símbolo da Inglaterra). Tendo em mente a primeira hipótese, encontramos mais uma explicação para a habilidade do Gato de desaparecer: era costume começar a comer o tal queijo zoomórfico pelo rabo até se chegar à cabeça, assim como acontece com o personagem de Carroll, que ora materializa-se apenas como uma cabeça sem corpo, e ora começa a desvanecer pelo rabo, deixando por último seu sorriso.

Convém ressaltar a semelhança desse “sorriso sem gato”, como Alice chama, com a Lua, o que também é sugestivo. De acordo com o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant,

A Lua é um símbolo do **conhecimento indireto**, discursivo, progressivo, frio. A Lua, *astro das noites*, evoca metaforicamente a beleza e também a luz na imensidade tenebrosa. Mas, como essa luz não é mais que um **reflexo** da luz do Sol, a Lua é apenas o símbolo do conhecimento por reflexo, isto é, do conhecimento teórico, conceptual, racional; é nesse ponto que é ligada ao simbolismo da coruja. (2009, p.562)

Isso vai ao encontro do que foi dito sobre a inteligência do Gato, além de ter também um certo apelo carrolliano no que tange ao conhecimento racional, de que o personagem também demonstra ser dotado sobretudo quando responde a Alice (naquela célebre frase) que se ela não sabe aonde quer ir, qualquer caminho lhe servirá⁷. O verbete prossegue com uma análise vasta, da qual pode-se destacar o seguinte:

A Lua, cujo disco aparente é do mesmo tamanho do Sol, tem na *astrologia* um papel especialmente importante. Simboliza o princípio passivo, mas fecundo, a noite, a umidade, o subconsciente, a imaginação, o psiquismo, o sonho, a receptividade, a mulher e tudo que é instável, transitório e influenciável, por analogia com seu papel de refletor da luz solar. (ibidem, p.564)

⁷ Essa frase do Gato, talvez a mais citada dos livros, traz uma ideia de livre-arbítrio oposta àquela de predestinação contida no *Alice Através do Espelho*, em que a estrutura do jogo de xadrez remete a uma mão invisível que controla o fado dos personagens-peça.

Ora, isso resume o que foi dito até aqui. O excerto encaixa-se perfeitamente no que expôs-se sobre inteligência infantil, sonho e inconsciente, bem como também no que diz respeito à problemática do devir, onipresente nas Alices.

Não é por acaso que o Gato de Cheshire é um dos personagens mais famosos dos livros, ficando atrás provavelmente apenas da própria Alice no quesito popularidade. Apesar de aparecer relativamente pouco, trata-se de uma figura que marca o leitor, consciente e inconscientemente, e cujo mistério encanta e atrai, assim como a Lua.

3.3 O LEÃO, O UNICÓRNIO E O REI JAIME I, QUE ANTES ERA JAIME VI

Em algumas ocasiões ao longo das Alices, Carroll desenvolve incidentes de canções infantis conhecidas. É o caso dos episódios do Humpty Dumpty, de Tweedledum e Tweedledee, do Valete de Copas e do Leão e do Unicórnio, por exemplo. Pela alegoria política e histórica que encerra, falar-se-á no presente momento especificamente sobre este último.

O leão é historicamente o símbolo da Inglaterra, assim como o unicórnio representa a Escócia. Durante o capítulo 7 de *Alice Através do Espelho*, esses dois animais são retratados lutando pela coroa real, aludindo não só à rivalidade milenar existente entre eles como também a uma *nursery rhyme* famosa surgida provavelmente no início do século XVII, chamada *The Lion and the Unicorn*:

*O Leão e o Unicórnio pela real coroa pelejaram:
Deram um belo espetáculo para todos que assistiram.
Com pão branco, preto e bolo de passas os regalaram.
Até que, cansados, a toque de tambor os expulsaram.* (CARROLL, 2002, p. 217)

Aqui vemos as figuras do unicórnio e do leão sendo usadas para ilustrar a disputa política entre Inglaterra e Escócia, a qual resultou na união dos dois países, na coroação do Rei Jaime VI da Escócia como Rei Jaime I da Inglaterra e em um novo brasão britânico, com ambos os animais como suporte das armas régias.

3.4 HUMPTY DUMPTY, O SABE-TUDO PROSOPAGNÓSTICO

Humpty Dumpty é um dos personagens mais conhecidos de *Alice Através do Espelho*. Ele é um ovo antropomórfico, filólogo e especialista em questões linguísticas, um ser extremamente orgulhoso e péssimo em matemática. Para ele e seu raciocínio invertido, as palavras comuns significam o que quer que ele queira, enquanto nomes próprios devem ter significação geral. Conforme sugere o tradutor, ensaísta e poeta Sebastião Uchoa Leite no texto “O que a tartaruga disse a Lewis Carroll” (idem, 1980, pp.7-31), Humpty Dumpty faz uso de um *nonsense* lógico para justificar seus pontos de vista, *nonsense* esse diferente daquele presente ao longo do livro *Alice no País das Maravilhas*, por sua vez desvairado.

Originalmente, o personagem provém de uma cantiga infantil popular à época vitoriana:

Humpty Dumpty num muro se aboletou,
Humpty Dumpty lá de cima despencou.
Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar
Não conseguiram de novo lá para cima o içar. (idem, 2002, p.200)

Ele é com frequência interpretado como o grande ovo cósmico cuja queda simboliza a queda de Lúcifer e do próprio homem. Em *Finnegans Wake*, do irlandês James Joyce, Humpty Dumpty é, nessa linha de raciocínio, um dos símbolos essenciais da obra, por exemplo. No contexto do livro de Carroll, uma outra interpretação possível (e óbvia) para o personagem seria enxergá-lo como uma sátira aos intelectuais pedantes que existiam à época e que continuam existindo até hoje.

O nome “Humpty Dumpty” é composto por um jogo de sons interessante, algo apropriado ao gosto de Carroll: o autor frequentemente escolhe usar palavras mais por sua dimensão lúdica, por sua sonoridade (significante), do que propriamente por seu sentido (significado). É interessante notar ainda que, em inglês, “Humpty-Dumpty” é uma expressão usada para ofender alguém de “baixinho e gordo” (ibidem, p.199).

Humpty Dumpty é quem, ao seu modo, dá sentido ao *nonsense* presente no mundo além do espelho, explicando a Alice o que querem dizer algumas das palavras “difíceis” presentes no “The Jabberwocky”⁸, um dos mais importantes poemas *nonsense* já escritos em língua inglesa e que ainda hoje é alvo de teorias e discussões diversas. Na verdade, tais

⁸ Em português esse título foi traduzido de diversas formas: “Jaguardarte”, “Pargarávio”, “Tagarelão”, “Algaravião”, “Blablassauro”, “Bestialógico”, etc.

palavras são o que chamamos de “palavras-valise” (“portmanteau words”, em inglês): trata-se de vocábulos inventados por meio da junção de partes do significante de mais de uma palavra a fim de se formar um só termo que, como uma mala, carrega igualmente mais de um significado. As “palavras-valise”, aliás, são um exemplo de como Carroll brinca com a língua para criar efeitos. As explicações de Humpty Dumpty, além de possibilitarem ao leitor entender do que se trata o “The Jabberwocky”, do ponto de vista do tradutor tornam-se também uma ótima oportunidade para justificar algumas das escolhas tradutórias feitas na tradução do complicado poema, tarefa essa que exige um esforço tão grande quanto o do guerreiro que nos versos decapita a perigosa criatura.

Ao fim de seu encontro com Alice, Humpty Dumpty se despede dizendo:

- Não vou poder reconhecê-la, *se* nos encontrarmos outra vez – respondeu Humpty Dumpty em tom desgostoso, enquanto lhe estendia um dos seus dedos para ela apertar.
- Você é tão exatamente igual a todo mundo.
- Em geral, é pelo *rostro* que se reconhece as pessoas – observou Alice em tom pensativo.
- É disso mesmo que estou me queixando – explicou Humpty Dumpty. – Sua cara é tão igual à de todo mundo... tem dois olhos (marcando o lugar dos olhos no ar com o dedo), o nariz está no meio, a boca em baixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca em cima... (ibidem, p.200)

Conforme ressalta o editor brasileiro Maurício Horta em artigo para a revista “Superinteressante” (2011), curiosamente temos aqui a descrição de uma desordem neurológica chamada prosopagnosia, ainda desconhecida à época em que Carroll viveu (ela foi descoberta só bem depois, em 1944, durante a 2ª Guerra Mundial). O prosopagnóstico consegue “reconhecer objetos, mas é incapaz de diferenciar rostos. Isso porque a face é processada em áreas específicas do cérebro, lesionada nos prosopagnósticos.” (HORTA, 2011, p.18) A saída para conseguir reconhecer alguém em meio a outras pessoas é guiar-se seja pela roupa, pelo modo de andar ou pela presença de cicatrizes na face, por exemplo. A prosopagnosia é uma agnosia visual associativa que pode decorrer de um acidente, mas que comumente é algo já inato.

Tanto *Alice no País das Maravilhas* como *Alice Através do Espelho* são livros deveras profundos, divertidos e de grande qualidade. As leituras que deles fazemos evoluem conforme o tempo passa, novas descobertas são feitas e a sociedade se modifica. É isso o que se espera da boa literatura e o que foi comprovado até aqui. Como diz Nicolau Sevcenko, um dos tradutores de Alice, “Alice ainda é e sempre será a melhor lição de ética, de irreverência e de inconformismo, tanto para crianças quanto para adultos.”

4 ALICE NO ENSINO

Agora, findo o estudo dos livros, abordaremos como eles podem ser aplicados no ensino de literatura, a começar por uma questão importante: considerando que o discente queira trabalhar as Alices em aulas de Língua Portuguesa, qual tradução é a mais adequada para cada tipo de público?

4.1 ALICE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO - QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS TRADUÇÕES?

É importante ressaltar que esta seção volta-se, obviamente, aos professores que planejem trabalhar Alice em português (haja vista que os livros foram originalmente escritos em inglês). Aqui, as palavras “tradução”, “adaptação”, “versão” e relacionadas serão empregadas mais ou menos como sinônimas para evitar entrar em discussões demasiado técnicas e filosóficas que por ora não vêm ao caso. O que será apresentado é um panorama das principais traduções para o português de *Alice no País das Maravilhas* e de *Alice Através do Espelho* a fim de auxiliar o docente na busca por uma edição que melhor se adapte ao seu público alvo e às suas intenções didáticas.

Dentre as diversas opções disponíveis, há três que chamam atenção por sua qualidade diferenciada, sendo inclusive usadas em muitos estudos das áreas de Literatura e de Tradução: as de Sebastião Uchoa Leite (CARROLL, 1980), Nicolau Sevcenko (idem, 2009) e Ana Maria Machado (idem, 2000). Façamos uma rápida análise de cada uma.

Ana Maria Machado traduziu apenas o primeiro livro (*Alice no País das Maravilhas*) e se preocupou em produzir uma adaptação voltada mais para o público infantil, substituindo as paródias de poemas e de músicas do livro inglês de 1865 por paródias de poemas e de músicas atuais. Através de tais mudanças, ela manteve a intenção do autor de manter uma intertextualidade polêmica com textos infantis que fossem conhecidos à época em seu país, porém ajustando essa ideia à sociedade brasileira atual. Vale ressaltar que salvo essas mudanças, a tradutora verteu o livro integralmente, assim como todos os outros profissionais aqui citados.

A tradução de Sebastião Uchoa Leite é considerada por muitos a melhor. Ele verteu os dois livros e encontrou muitas soluções felizes para os diversos (ênfase no “diversos”) desafios tradutórios que a prosa e o verso *nonsense* de Carroll encerram. Por levar em

consideração que o leitor seja capaz de reconhecer e interpretar as diversas referências à Inglaterra vitoriana e também por conta do nível de linguagem empregado, trata-se de uma tradução para o público adulto.

Em comparação com as outras duas, a versão de Sevcenko é equilibrada, isto é, faz uso de uma linguagem ao mesmo tempo simples, sofisticada e artística enquanto contém todas as paródias criadas por Carroll, ainda que o tradutor tenha dado uma “enxugada” e eliminado certos detalhes muito específicos da Era Vitoriana que causariam estranhamento ao leitor de hoje. Ele também traduziu apenas o primeiro livro, e sua adaptação teve o mérito de ser escolhida pelo Instituto de Cegos do Brasil para ser transcrita em braile.

Há também uma outra edição muito boa, traduzida por Maria Luiza X. de A. Borges (idem, 2002) e enriquecida com ótimos comentários escritos por Martin Gardner. Essa tradução não foi citada anteriormente porque (ao menos ainda) não goza do mesmo *status* que as supracitadas. Entretanto figura aqui devido à qualidade dos comentários, que ajudam em muito na interpretação das histórias.

Essas traduções todas têm grande valor e mantêm cada uma a sua maneira o espírito carrolliano. Entretanto vale frisar que independentemente das análises fornecidas é sempre importante o docente ter o cuidado de ler cuidadosamente a edição que pensa trabalhar antes de passá-la para seus alunos, evitando assim qualquer tipo de inconveniente.

4.2 PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O USO DOS LIVROS *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS* E *ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO* EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A 8ª SÉRIE (9º ANO) DO ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar de o ensino de literatura só se iniciar de fato no Ensino Médio, o uso de textos literários em aulas ministradas para o Ensino Fundamental é não só recomendado como necessário para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é importante incluir na educação textos de grande qualidade no que diz respeito à interpretação e à produção de um discurso a fim de fazer o aluno passar do leitor de “textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais (...)”. (PCN, 1998, p.70) Defendendo também que um dos objetivos do ensino em Língua Portuguesa é estimular o “interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura e do povo

(...)” (ibidem, p.64), o documento aconselha que no Ensino Fundamental deve-se fazer o uso de literatura principalmente em práticas de leitura, atividade na qual “(...) o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem.” (ibidem, p.69)

Com relação ao uso de *Alice no País das Maravilhas* e de *Alice Através do Espelho* em sala de aula, é interessante notar que tratam-se de obras muito peculiares quanto ao seu potencial didático. Foram livros escritos originalmente para crianças, as quais até hoje ainda encontram nos fatos narrados divertimento e uma forma de amenizar os acontecimentos do dia-a-dia infantil, tornando-o mais fácil de se tolerar. Mas também são livros complexos que encantam até os adultos, sendo objetos de estudo e de análises diversas (e incrivelmente variadas) desde há muito. Assim, são textos que podem ser usados desde os primeiros anos de vida escolar, com os intuitos de ensinar a ler, entreter e/ou de estimular nos discentes o interesse pela leitura (e para esses jovens leitores as ilustrações que complementam as histórias, sejam os desenhos clássicos de Tenniel ou os de outro artista, exercem papel fundamental⁹), como também são livros que podem facilmente integrar a bibliografia de cursos de graduação e pós-graduação (conforme pode-se constatar pelas análises apresentadas no capítulo 3, que evidenciam a profundidade e a qualidade das obras).

Obviamente, a metodologia deverá se adaptar a cada faixa etária para ser o mais efetiva possível, o que implica dizer que não só será diferente aquilo que o professor ensinará (no tocante a informações e profundidade de análise), mas também o como ele ensinará. Na presente seção, apresentar-se-á especificamente uma proposta de como as Alices podem ser utilizadas em aulas de Língua Portuguesa para alunos da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental de forma a introduzi-los aos estudos literários de uma maneira lúdica, desenvolvendo-lhes o gosto pela leitura e pela produção de textos.

Alice no País das Maravilhas e *Alice Através do Espelho* são livros de forte potencial imagético. São muitos os ilustradores que, aproveitando-se dessa peculiaridade, dedicaram-se a ilustrar as histórias com sua arte, ou mesmo os diretores que transpuseram as aventuras de Alice para o cinema. Assim, uma atividade interessante de se trabalhar é propor aos discentes, após um estudo da(s) obra(s), que transformem um dos livros (ou os dois, se assim o docente

⁹ Conforme o próprio Carroll salienta logo no início do *Alice no País das Maravilhas*: “(...) uma ou duas vezes [Alice] espiara furtivamente o livro que ela [a irmã] estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro” – pensou Alice – “sem figuras nem diálogos?”” (CARROLL, 1980, p.41)

preferir) em uma história em quadrinhos. É essa a premissa diferencial da proposta que será apresentada em detalhes a seguir.

Após a conclusão da leitura de um dos livros, ou dos dois, por parte dos alunos (as histórias são independentes uma da outra, portanto podem ser lidas em qualquer ordem), o professor deve, inicialmente, discutir com os discentes sobre o que eles acharam daquilo que leram e abordar um pouco da biografia do escritor, Lewis Carroll. Em seguida, deve-se analisar alguns dos aspectos literários presentes; o docente deve analisar o que achar mais adequado e da forma que achar mais eficiente para cada sala, haja vista que, ainda que a proposta aqui desenvolvida seja para turmas de 8ª série, cada turma tem uma especificidade, e assim uma estratégia que funcione bem em uma pode não dar bons resultados em outra. O importante é demonstrar aos alunos que há toda uma construção de sentido por trás do *nonsense* das Alices e explicitar que isso se dá graças à maneira que a narrativa foi escrita. É forçoso salientar em sala de aula que em literatura a qualidade artística de um texto não está relacionada com seu tema, mas sim com a forma com que o tema é desenvolvido: não é uma questão de “o que” se fala, mas sim de “como” se fala; é a maneira especial com que um texto é trabalhado por seu autor que faz esse texto se tornar um objeto polissêmico, conseqüentemente artístico, e portanto literatura. É também essencial expor aos alunos (ainda que pareça óbvio à primeira vista) que cada livro tem uma proposta diferente: há aqueles cujo objetivo principal é entreter o leitor e que, sendo assim, focam mais no enredo do que em desenvolver polissemia e níveis mais profundos de significação; são os livros classificados como literatura de entretenimento (ou literatura de massa) e que, de um modo geral, vêm a ser as narrativas *best-sellers*. E há aqueles outros livros que visam fazer uso da palavra como matéria-prima artística, aqueles cujo(s) texto(s) mais esconde(m) do que diz(em) (emprega-se a possibilidade do plural por levar-se em conta não só romances, mas também livros de poesias, de contos e afins, compostos por várias histórias); chamados de alta literatura, são textos que desestabilizam o leitor, provocam-no e dele exigem atenção, dedicação e investigação minuciosa para serem interpretados, senão na sua completude, tarefa impossível, ao menos de forma satisfatória à guisa de exercício mental, experiência estética e satisfação de prazer estético.

É claro que não se pode encarar “literatura de entretenimento” e “alta literatura” como dois polos, nem que toda ficção encaixe-se perfeitamente ou em um ou em outro. As coisas não são tão simples assim, afinal na prática tudo se mistura. Há, dentre outras possibilidades, literatura de entretenimento que com o tempo passa a ser encarada como alta literatura e alta literatura que entretém (como é o caso das próprias Alices), bem como textos que são bons

esteticamente justamente por serem maçantes (no caso, por exemplo, de uma narrativa sobre a vida enfadonha de um casal, em que o modo maçante de narrar causa uma isomorfia entre forma e conteúdo). Mas enfim, para fins didáticos, separar a literatura em dois eixos facilita o entendimento dos discentes e contribui para que os educandos, nos próximos anos, entendam melhor do que se tratam os livros clássicos que lerão e saibam como encará-los.

Façamos uma rápida digressão, importante para uma reflexão acerca do sistema de ensino brasileiro. Ao entrarem no Ensino Médio, os alunos já são expostos desde o início à alta literatura, estudando ao longo de sua formação autores como D. Diniz, Gil Vicente, Camões, Gregório de Matos, José de Alencar, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Rubem Braga e outros tantos. Todos escreveram obras de grande valor (estético, sintático, lexical...) não por acaso tidas como clássicas e importantes, sendo, portanto, estudadas na escola. Todavia, a grande maioria dos alunos ainda não tem um senso estético suficientemente desenvolvido para interpretá-las adequadamente e conseqüentemente apreciá-las, e isso por conta da própria maneira como o ensino se dá nas escolas, o que prejudica o aprendizado e o estímulo do gosto pela leitura.

O discente, quando está aprendendo a ler na Educação Infantil, é exposto pela escola a gêneros textuais adequados, isso é, a obras que têm mais imagens do que texto escrito e/ou a obras que ressaltam o aspecto sonoro da língua (trabalham mais o significante do que o significado), de forma a estimular a manipulação lúdica dos sons por parte da criança, que então se sentirá à vontade para brincar com a língua tal qual essa fosse um brinquedo. Dessa maneira, possibilita-se que a criança tenha uma melhor aquisição da linguagem.

Depois, ao longo do Ensino Fundamental, são trabalhados em sala livros paradidáticos apropriados a cada faixa etária: quadrinhos, contos de fadas, fábulas... enfim, literatura infantojuvenil que estimula nos alunos a vontade de ler. Basta reparar em como os jovens, e outros tantos não tão jovens assim, gostam, por exemplo, de livros como *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, do próprio *Alice no País das Maravilhas*, dos contos de fadas de autores como Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans Christian Andersen e de séries como *A Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Contudo, no Ensino Médio, há uma ruptura, e os alunos se veem forçados a, repentinamente, terem que ler e estudar literatura altamente artística. Quer dizer, todo um processo é interrompido, e assim muitas pessoas concluem a escola não gostando de literatura, encarando o ato de ler como uma obrigação maçante e se afastando dos livros. Os professores,

por sua vez, não têm como não trabalhar os grandes escritores, pois as obras que serão exigidas em vestibulares são as clássicas, e é o desempenho dos alunos nesses vestibulares que decidirá qual futuro terão esses estudantes. É lamentável que haja tal ruptura, pois não fosse ela talvez os educandos tivessem mais tempo para amadurecer cognitivamente e adquirir conhecimento de mundo com leituras mais adequadas ao seu estágio de desenvolvimento. Assim, futuramente, quiçá se interessassem em conhecer os grandes nomes da literatura e suas obras por conta própria, e então, melhor preparados, conseguissem apreciar as leituras. Com isso, haveria grandes chances de se tornarem os alunos-leitores¹⁰ que documentos como os PCNs defendem formar.

Levando-se em conta o que foi dito anteriormente sobre como os ensinamentos da leitura e da literatura se dão e retornando à questão do uso das Alices com fins didáticos, parece-nos interessante aproveitar a 8ª série (9º ano), último ano do Ensino Fundamental, para se preparar o alunado de forma prazerosa para os estudos literários mais profundos que se seguirão nos próximos anos de formação, lançando mão, para tanto, de livros que são ao mesmo tempo divertidos e, em termos técnicos, duas das melhores obras da literatura mundial.

O docente deve, após a introdução supracitada ao mundo literário em que aborda o que é literatura e explica o que é literatura de entretenimento e alta literatura, ensinar a estratégia de leitura que deve ser empregada no caso de textos literários: o leitor deve, de preferência, ler primeiramente o texto todo, do começo ao fim, para em seguida retornar ao seu início e relê-lo com atenção, agora tendo em mente uma perspectiva global que permite detectar pistas textuais fundamentais para uma melhor interpretação. Interpretar um texto literário implica releituras cuidadosas, pesquisa e esforço mental. Estabelecendo uma analogia, o aluno precisará, nesse momento, se dedicar ao texto da mesma forma com que se dedica a resolver um problema matemático. E com isso chegamos a mais um ponto fundamental que o professor deve evidenciar para os alunos: as interpretações depreendidas precisam poder ser confirmadas pelo próprio texto para serem válidas. Assim, só se pode, por exemplo, afirmar que o Gato de Cheshire é um *alter ego* da Alice em *Alice no País das Maravilhas* se for possível comprovar textualmente esse argumento. Um mesmo texto literário abre margem a interpretações variadas, certamente, entretanto é necessário ter cuidado para não digredir.

Explicações e análises literárias feitas, o docente então proporá aos alunos que eles próprios ilustrem as aventuras da Alice em forma de história em quadrinhos. A sala deverá ser dividida em 12 grupos, caso se esteja trabalhando um dos livros, ou em 24 grupos, caso se

¹⁰ Conforme exposto no capítulo 1 do presente trabalho.

esteja trabalhando os dois (a quantidade de alunos por grupo fica a cargo do professor). Cada grupo ficará responsável por ilustrar um capítulo da narrativa, de forma que ao fim do projeto, a sala, em um esforço em conjunto, terá em mãos um livro produzido pelos seus próprios integrantes com a ajuda do professor. Os alunos geralmente apreciam bastante atividades lúdicas como essa, e assim se empenham em produzir algo de que irão se orgulhar depois, principalmente no caso de propostas como a sugerida, que colocam toda a sala unida por um mesmo objetivo.

Há sítios na internet (sugerimos alguns endereços nas referências bibliográficas) onde pode-se criar quadrinhos virtualmente de forma simples e descomplicada. Caso os alunos tenham fácil acesso a computadores e a internet, o que é bem provável visto que as novas tecnologias se fazem cada vez mais presentes no dia-a-dia de todos, recomenda-se que os quadrinhos sejam produzidos digitalmente, e não em papel. Primeiramente porque vivemos em uma época na qual tecnologias como a televisão e a internet têm mais importância na vida dos discentes do Ensino Fundamental do que a própria sala de aula, conseqüentemente há um novo público leitor e novas maneiras de se ler, e assim uma metodologia que visa ser efetiva precisa se adaptar a essa realidade. E depois porque um texto digital permite maior difusão do que um texto impresso: uma vez que os trabalhos estejam prontos, o docente pode, até mesmo em conjunto com os próprios educandos, montar um blogue para a postagem *on-line* do produto final, que agora poderá ser acessado por qualquer aluno da escola (e de outras escolas), por familiares dos alunos, enfim, por todos que tenham interesse. Com isso, um problema muito presente na educação é contornado: o de se “escrever para ninguém”. É muito comum, quando um docente pede à sala para elaborar, por exemplo, uma redação sobre um tema qualquer, que os alunos sintam-se desmotivados, já que, afinal, encararão a tarefa apenas como sendo mais um texto a ser escrito para avaliação do professor. Isso é, o texto que deverão escrever não será produzido tendo-se em mente um público-alvo, e isso porque o público-alvo simplesmente não existe. O texto não será lido por outras pessoas. O texto será lido somente pelo professor, que é a pessoa cuja obrigação é corrigir e apontar problemas de escrita que porventura existam. Isso não só desestimula como empobrece a experiência da escrita.

Nada impede, contudo, que se organize um livro físico com os desenhos dos discentes para o caso de não haver acesso a computadores. O que importa é estimular os alunos, para que eles sintam o ímpeto e o prazer não só de ler como também de produzir textos, afinal escrita e leitura são atividades indissociáveis, que caminham juntas tanto no ensino como na vida e essenciais para um bom desenvolvimento cognitivo. É forçoso trabalhar literatura de

uma forma interessante em sala de aula e desenvolver atividades que façam os alunos se envolver e se interessar pelos conteúdos, o que, apesar de não ser nada fácil, é extremamente recompensador para o professor. Ver um aluno apreendendo aquilo que é ensinado, evoluindo com seus ensinamentos e demonstrando interesse nas suas aulas é a realização moral de todo educador.

CONCLUSÃO

Como se pode notar pelas interpretações apresentadas neste trabalho para o significado da charada do Chapeleiro, para as simbologias do Gato de Cheshire e Humpty Dumpty e também para o episódio da luta entre o Leão e o Unicórnio, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho* são livros riquíssimos no que tange à polissemia, abrangendo questões de ordem literária, psicológica, matemática, lógica, histórica, social, neurológica, esotérica e cultural, dentre outras. Contudo, mesmo com tamanha profundidade, são livros divertidos que conseguem a proeza de entreter desde crianças em idade de alfabetização até adultos, com a diferença de nesses últimos incitar também um esforço interpretativo.

Qualidade literária, divertimento, apoio imagético, jogos de palavras que frequentemente valorizam e evidenciam mais o aspecto sonoro e a dimensão lúdica da língua do que propriamente a criação de significados: todas essas características fazem com que as Alices sejam muito apropriadas para serem utilizadas com fins didáticos desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação. Nesse sentido, ao longo do presente trabalho elaborou-se uma proposta pedagógica cujo objetivo é introduzir os discentes da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental II aos estudos de literatura de forma prazerosa por meio das obras em questão, a fim de que com o tempo desenvolvam gosto por ler e saibam lidar melhor com as obras clássicas que estudarão durante o Ensino Médio.

Estudar literatura é muito importante, pois amplia nossa visão de mundo e aguça nosso pensamento crítico, melhorando a nossa percepção e interpretação da realidade. Além do mais, as obras literárias trazem aos leitores vivências valiosas que nenhum outro gênero textual pode proporcionar, sejam tratados filosóficos, estudos teóricos, documentos científicos ou afins. Apropriamo-nos dessas vivências e as incorporamos de forma tal que elas passam a constituir nosso próprio Eu. Ler nos transporta a diferentes lugares, exercita a mente e nos dá experiência de vida, e por isso é essencial que cultivemos em nossos alunos esse hábito extremamente edificante. A tarefa não é fácil, porém se bem trabalhada pode ser extremamente recompensadora, tanto para o professor quanto para os educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras – coesão e coerência*. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

_____. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *LDB - Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 5. ed. Distrito Federal: Câmara dos Deputados, 1999.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARROLL, Lewis. *Alice - Edição Comentada*. Notas de Martin Gardner. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1. ed. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. *Alice in Wonderland - A Norton Critical Edition*. Edição de Donald J. Gray. 2. ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 1989.

_____. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Nicolau Sevckenko. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Ana Maria Machado. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1980.

_____. *Cartas às suas Amiguinhas*. 1. ed. 7 Letras, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Lewis Carroll (1832-1898) - Alice no país das maravilhas. In: *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil - Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5. ed. São Paulo: Amarelis, 2010. pp. 170-178.

CONNER, Miguel. "Alice no País das Maravilhas" e o Ocultismo. 2010. Recuperado em 18 jan. 2011: <http://brasillewiscarroll.blogspot.com/2010/12/alice-no-pais-das-maravilhas-e-o.html>

DAVIS, Richard Brian & IRWIN, William (orgs). *Alice in Wonderland and Philosophy*. 1. ed. John Wiley Trade, 2010.

EMPSON, William. Alice no País das maravilhas. A criança como zagal. Tradução de José Laurênio de Melo. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da literatura em suas fontes*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. pp. 585-619.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, Discurso e Ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

HORTA, Maurício. Quando o cérebro não enxerga. *Revista Superinteressante Especial - Mistérios da Mente*, São Paulo, n. 290-A, pp. 14-21, abril de 2011.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2007.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTÍNEZ, Sávitri. *Corpus Puparum - Estética de La Tentación y La Nostalgia*. Recuperado em 18 jan. 2011: <http://pupa-antiqua.blogspot.com/2010/11/corpus-puparum.html>

SITES PARA A CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Make Beliefs Comix (em inglês) - <http://www.makebeliefscomix.com/Comix>

Pixton (em português) - <http://www.pixton.com/br/for-fun#video>

Strip Generator (em inglês) - <http://stripgenerator.com/strip/create>

ToonDoo (em inglês) - <http://www.toondoo.com>